

Nova Fronteira da Atividade Canavieira nos Principais Municípios Produtores do Estado do Maranhão; 1990, 1995, 2000 e 2005





ISSN 1678-1953

Outubro, 2007

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Documentos 123

Nova Fronteira da Atividade Canavieira nos Principais Municípios Produtores do Estado do Maranhão; 1990, 1995, 2000 e 2005

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca
Diego Costa Mandarinó

Aracaju, SE
2007

Disponível em: <http://www.cpatc.embrapa.br>

Embrapa Tabuleiros Costeiros
Av. Beira Mar, 3250, Aracaju, SE, CEP 49025-040
Caixa Postal 44
Fone: (79) 4009-1300
Fax: (79) 4009-1369
www.cpatc.embrapa.br
sac@cpatc.embrapa.br

Comitê Local de Publicações

Presidente: Edson Diogo Tavares
Secretária-Executiva: Maria Ester Gonçalves Moura
Membros: Emanuel Richard Carvalho Donald, José Henrique de Albuquerque Rangel, Julio Roberto Araujo de Amorim, Ronaldo Souza Resende, Joana Maria Santos Ferreira

Supervisora editorial: Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues
Normalização bibliográfica: Josete Cunha Melo
Tratamento de ilustrações: Diego Corrêa Alcântara Melo
Editoração eletrônica: Diego Corrêa Alcântara Melo
1ª edição

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Cuenca, Manuel Alberto Gutiérrez

Nova Fronteira da Atividade Canavieira nos Principais Municípios Produtores do Estado do Maranhão; 1990, 1995, 2000 e 2005 / Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca, Diego Costa Mandarin. -- Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2007.

21 p. : il. - (Documentos / Embrapa Tabuleiros Costeiros, ISSN 1678-1953; 123).

Disponível em [http://< www.cpatc.embrapa.br >](http://www.cpatc.embrapa.br)

1. Cana-de-açúcar. 2. Agricultura. 3. Maranhão. 4. Economia Agrícola. I. Mandarin, Diego Costa. II. Título. III. Série.

CDD 633.61

© Embrapa 2007

Autores

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca
Economista, M. Sc. em Economia Rural, Pesquisador da
Embrapa Tabuleiros Costeiros,
Caixa Postal 44, Av. Beira Mar 3250,
Aracaju, SE, CEP 49025-040
E-mail: cuenca@cpatc.embrapa.br

Diego Costa Mandarino
Estudante de Economia da Universidade Federal de
Sergipe, Estagiário da Embrapa Tabuleiros Costeiros
E-mail: mandarino@yahoo.com.br e
mandarino@cpatc.embrapa.br

Sumário

Introdução	7
Objetivos	10
Resultados e Discussão	11
Conclusões	18
Referências Bibliográficas	18
Anexos	19

Nova Fronteira da Atividade Canavieira nos Principais Municípios Produtores do Estado do Maranhão; 1990, 1995, 2000 e 2005

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca
Diego Costa Mandarin

Introdução

O sistema colonial implantado no novo território brasileiro baseou-se inicialmente na exploração do pau-brasil e, em seguida, no cultivo da cana-de-açúcar, que garantiu aos portugueses a ocupação definitiva do litoral. A base da economia era a atividade agrícola, mantida pela mão-de-obra escrava vinda da África. Com o rareamento da madeira e o monopólio do produto, impuseram-se novas formas de desenvolvimento econômico do litoral e os colonos lançaram-se a um novo projeto: a cultura da cana e a produção do açúcar (HISTORIA DO BRASIL, 2007).

A agricultura canavieira foi, desde o século XVI, o setor mais importante da economia colonial. As plantações de cana-de-açúcar e os engenhos da Zona da Mata nordestina e do Recôncavo Baiano constituíram o maior pólo açucareiro da colônia, seguido por áreas do Maranhão, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A agricultura canavieira foi, desde o século XVI, o setor mais importante da economia colonial, naquela época os portugueses tendo frustradas as aspirações de formação de um império na Índia, iniciaram o processo de colonização tendo na canavicultura agrícola para substituir o ciclo extrativista do pau brasil e outras culturas de menor valor (FURTADO, 1959).

Em meados do século XVI, o açúcar tinha grande valor de mercado e sua cultura era dominada pelos portugueses, que se haviam aperfeiçoado nessa produção

nos Açores. Para o plantio do açúcar, os colonos contaram, a princípio, com a mão de obra indígena que, no entanto, não se adequou à operação dos engenhos, tarefa que exigia um melhor grau de aperfeiçoamento tecnológico. Para resolver esse problema, os portugueses começaram a importar escravos da África, que se tornaram uma solução a longo prazo (FURTADO, 1959).

O povoamento do Maranhão iniciou-se através do litoral onde os portugueses se concentraram e desenvolveram a agricultura de cana de açúcar. Com o desenvolvimento do plantio de cana, muitos engenhos foram construídos e inúmeras povoações surgiram em torno deles. Essas povoações deram origem às cidades de Santo Antônio de Alcântara, Itapecuru, Rosário, Icatu e outras. Devido à sua localização favorável à atividade portuária, São Luís tornou-se, no período colonial, importante centro de exportação de cana-de-açúcar. A criação da Companhia de Comércio do Estado do Maranhão, em 1682, integrou a região ao grande sistema comercial mantido por Portugal. As plantações de cana, cacau e tabaco eram agora voltadas para exportação, tornando viável a compra de escravos africanos (Maranhão, 2007).

Os grandes lucros da atividade canavieira chegaram inclusive a provocar, em 1580, a invasão holandesa no Nordeste do Brasil, que vieram com o objetivo de proteger os capitais investidos e garantindo os lucros gerados pelo comércio do açúcar (ANDRADE, 2001).

Cronologicamente a história do Brasil, no referente a episódios e fatos ocorridos no Maranhão, registra que: em 1594 – Os franceses Jacques Riffault e Charles Vaux instalam-se no Maranhão depois de naufragar na costa da região. O governo francês os apóia e incentiva a criação de uma colônia no território, a França Equinocial.

Em 1612, uma expedição chefiada por Daniel de la Touche desembarca no Brasil com centenas de colonos. Eles constroem igrejas, casas e o Forte de São Luís, origem da cidade de São Luís do Maranhão. Os invasores franceses são expulsos em 1615 por tropas comandadas por Jerônimo de Albuquerque. no ano de 1621 – O território brasileiro é dividido em dois Estados: o do Brasil, com sede em Salvador, e o do Maranhão, com sede em São Luís do Maranhão.

O objetivo é melhorar a defesa militar da Região Norte e estimular a economia e o comércio regional com a metrópole. O governo da Holanda e investidores

privados formam a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, misto de empresa comercial, militar e colonizadora, para ocupar as terras canavieiras, controlar a produção dos engenhos e recuperar seus negócios na América e na África, afetados pela União Ibérica. Rivais dos espanhóis, os holandeses haviam sido proibidos de aportar em terras portuguesas e tinham perdido privilégios no comércio de açúcar do Nordeste do Brasil.

Em 1641 – Inicia-se a invasão holandesa no Maranhão, que perdura até 1644, quando os holandeses são expulsos pelos portugueses. Essa invasão foi ordenada por Maurício de Nassau, que procura consolidar as posições holandesas no país antes que o armistício entre Holanda e Portugal fosse amplamente divulgado no Brasil. Entre 1645-1654 – Após a volta de Maurício de Nassau à Holanda, os proprietários de terras de Pernambuco passam a ter mais dificuldade em conseguir crédito na Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Os latifundiários dão início à Insurreição Pernambucana com o objetivo de expulsar os holandeses. No começo, Portugal não dá nenhum auxílio, interessado em garantir o apoio da Holanda para enfrentar a Espanha na luta pelo fim da União Ibérica.

Em 1648 e 1649, forças militares do Maranhão e do governo geral da Bahia derrotam os holandeses na Batalha dos Guararapes. A insurreição só acaba quando os holandeses, enfraquecidos após uma guerra contra a Inglaterra (1652), se retiram da região.

Em 1654. A soberania portuguesa sobre a vila do Recife é reconhecida pela Holanda no Tratado de Paz de Haia, de 1661. Para que desistam das terras coloniais, Portugal paga aos holandeses uma grande indenização. Já em 1682 – Portugal funda a Companhia de Comércio do Maranhão, para estimular a agricultura de cana-de-açúcar e de algodão por meio de fornecimento de crédito, transporte e escravos. Enquanto que 1684 – Proprietários rurais, liderados pelos irmãos Manuel e Tomás Beckman, revoltam-se contra a Companhia de Comércio do Maranhão, que não cumpre a função de fornecer escravos, utensílios e equipamentos. São contrários também às posições dos jesuítas, que impedem a escravização indígena. É a chamada Revolta dos Beckman. A metrópole inter-vém, Manuel Beckman é executado junto com Jorge Sampaio, outro participante da revolta, e os demais líderes são condenados à prisão perpétua (Maranhão, 2007).

Entre 1755 e 1759 – O marquês de Pombal, ministro todo-poderoso do rei dom José I de 1750 a 1777, funda a Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e do Maranhão (1755) e a Companhia Geral do Comércio de Pernambuco e Paraíba (1759) para reforçar a atividade extrativista e agroexportadora do Norte e Nordeste, menos estimulada em razão da mineração de ouro e diamante no Sudeste e Centro-Oeste (BRASIL ESCOLA, 2007).

O Brasil é o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo, seguido por Índia e Austrália. Na média, 55% da cana brasileira são usados na fabricação de álcool e 45%, açúcar. Planta-se cana no Centro-Sul e no Norte-Nordeste, o que permite dois períodos de safra. Produz-se, portanto, o ano todo. A cana é, por natureza, usina de geração de energia renovável e deverá se tornar a principal fonte de agroenergia: cada tonelada tem potencial energético equivalente ao produzido por cada 1,2 barril de petróleo (Portal Única, 2007).

A cana-de-açúcar no Brasil é cultivada em 4,5 milhões de hectares ocupando menos de 1% das áreas agriculturáveis, mostra tendência de crescimento e segundo a terceira estimativa da safra agrícola 2007, realizada mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a área plantada com cana deve aumentar 7% apenas em 2007, enquanto a produção deve registrar expansão de 7,9% (IBGE, 2007).

O crescimento dos plantios e da produção terá que continuar aumentando durante os próximos anos, pois segundo as estimativas de crescimento da demanda mundial por combustíveis renováveis, o Brasil terá de triplicar a produção de cana-de-açúcar para atender parte do mercado americano que não pode ser mantido pela produção interna, pois os Estados Unidos têm limites de fronteira agrícola e para atender a sua demanda por etanol, teriam que sacrificar parte da produção de milho e ainda contar com o etanol do Brasil.

Para os estudos posteriores sobre o impacto do aumento da área cultivada com cana-de-açúcar na economia e na agricultura brasileira é imprescindível conhecer a realocação intermunicipal nos diferentes estados produtores do país.

Objetivos

Analisar a importância econômica da cultura e os aspectos conjunturais da cultura da cana-de-açúcar, assim como a mudança na localização da área colhida

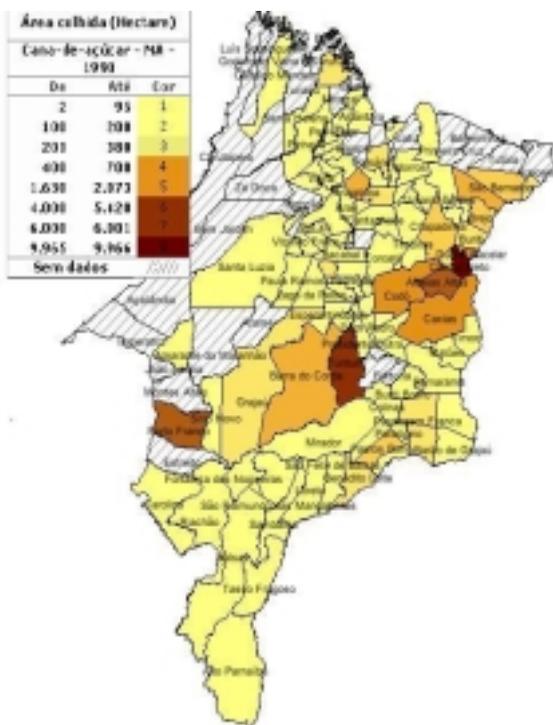
e quantidade produzida nos municípios maranhenses; analisar também a participação de cada um deles nos totais municipais, no período compreendido entre 1990 e 2005 mostrar as mudanças ocorridas entre os períodos de 1990 a 1995, de 1995 a 2000 e de 2000 a 2005.

Resultados e Discussão

O Estado do Maranhão cultivou, em 1990, uma área de 37,4 mil hectares com cana-de-açúcar, respondendo por 0,87% da área colhida com a cultura no Nordeste. Em 2005 o percentual de participação passou para 0,55%.

A distribuição regional da área colhida com cana-de-açúcar no Estado do Maranhão em 1990, era da seguinte maneira: 27% localizavam-se no município de Coelho Neto; 16% ficavam no município de Tuntum; 15% concentravam-se em Aldeias Altas e 11%, 6% e 5%, localizavam-se nos municípios de Porto Franco, Caxias e Codó, respectivamente, da área total colhida com cana-de-açúcar que naquele ano foi de 37.374 ha. Na figura 1 observa-se que a maior concentração da área colhida com cana-de-açúcar no Estado no início da década de 90, acontecia na Mesorregião Sul Maranhense que concentrava, em 1990, 65% da área colhida, as duas principais Microrregiões onde se localizam as maiores áreas com a cultura são a de Coelho Neto e a de Alto Mearim e Grajaú que respondiam, respectivamente, por 46% e 18% da área estadual com cana-de-açúcar naquele ano.

A distribuição geográfica e as maiores concentrações de área colhida de acordo às quantidades de área colhidas em cada município maranhense são mostradas na figura 1.



Fonte: IBGE (2007)

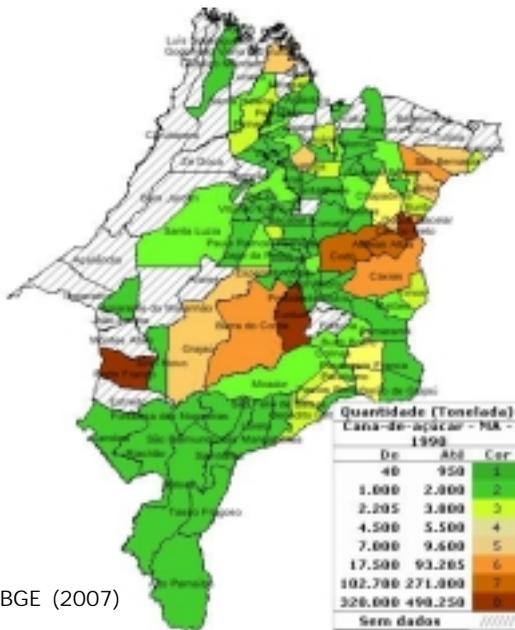
Fig. 1 – Localização geográfica da área colhida com cana-de-açúcar nos municípios maranhenses em 1990.

É interessante observar que, segundo a figura 1 existiam, em 1990, mais de 80 municípios com pequenas áreas cultivadas de cana de açúcar, considerados dentro do primeiro estrato, ou seja, com até 95 ha, juntos respondiam por apenas 6% da área estadual com a cultura; nos estratos de área 2, 3 e 4, ou seja aqueles com áreas entre 100 ha e 700 ha, encontram-se 18 municípios que juntos respondiam, em 1990, por 12% da área cultivada estadual com a cultura; outros 82% dessa área, era cultivada em apenas 5 municípios maranhenses que pertenciam aos estratos 5, 6, 7 e 8 naquele ano.

Analisando a produção de cana-de-açúcar em 1990, observa-se que o Estado do Maranhão colheu, em 1990, um total de 2,041 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, respondendo por 0,78% da produção nordestina. No ano de 2005 sua participação passou para apenas 0,47%.

Analisando a origem da produção estadual de cana-de-açúcar, em 1990, observou-se que os municípios de Coelho Neto e Tuntum eram os maiores produtores, registrando 24% do total estadual com aquela cultura (2 milhões de toneladas), em seguida aparece o município de: Porto Franco, com participação de 16%; Aldeias Altas com 13% e Codó, Caxias e Duque Bacelar com participações de 5%, 5% e 4%, respectivamente. Os dados de área colhida e da produção de cana-de-açúcar dos principais municípios do Maranhão em 1990 são apresentados na Tabela 1.

É interessante observar que no Estado do Maranhão a produção de cana-de-açúcar não se concentra apenas nas regiões próximas ao litoral estadual como acontece em outros estados nordestinos como em Sergipe, Alagoas, Paraíba e Pernambuco, onde os principais municípios produtores estão localizados próximos à faixa litorânea. No Maranhão a produção tem origem, mesmo em pequenas quantidades, na maior parte dos municípios. Na figura 2 são apresentados os municípios onde é originada a produção de cana-de-açúcar no Estado do Maranhão.



Fonte: IBGE (2007)

Fig. 2 – Origem da produção de cana-de-açúcar no Estado do Maranhão em 1990.

Observa-se, segundo mostra a figura 2, que a maior parte da produção estadual origina-se nas mesorregiões do Leste Maranhense, Centro Maranhense e Sul Maranhense que contribuíram, respectivamente, com 56%, 26% e 16% da cana-de-açúcar total produzida no Estado em 1990. Naquele ano, as microrregiões de maior destaque foram: Coelho Neto, Alto Mearim e Grajaú e Porto Franco que contribuíram, respectivamente, com 42%, 25% e 16% da produção estadual. Observou-se também que nos 75 municípios pequenos produtores, ou seja, com produção de até 2.000 t, pertencentes aos estratos de 1 e 2 responderam por apenas 2% da produção estadual, outros 20 municípios, localizados nos estratos 3, 4 e 5 originaram 5%; os municípios componentes do estrato 6 contribuíram com 11% e os restantes 82% da produção estadual, naquele ano, foram produzidos nos municípios de Codó, Aldeias Altas, Porto Franco, Tuntum e Coelho Neto pertencentes aos estratos 7 e 8, ou seja os que produzem quantidades superiores a 102.000 toneladas.

Analisando o rendimento da cultura, em 1990, observou-se que, apenas as mesorregiões do Centro Maranhense com 73,5 t/ha e a Sul Maranhense com 75,5 t/ha, superavam a média estadual que chegou a 54,6 t/ha. Entre as principais microrregiões produtoras, só três superaram o rendimento estadual, foram elas a do Alto Mearim e Grajaú com 76,4 t/ha, a do Porto Franco com 79 t/ha e a de Codó com 58,7 t/ha, as outras 18 microrregiões obtiveram rendimentos variando entre 50 t/ha e 15 t/ha, fato esse que fez baixar a média estadual, naquele ano.

Os municípios que, em 1990, obtiveram rendimentos acima da média maranhense encontram-se Porto Franco e Tuntum com 80 t/ha, Codó com 60 t/ha. Na faixa das 50 t/ha, os seguintes municípios: Coelho Neto, Aldeias Altas, Duque Bacelar, Barra do Corda. Os demais municípios envolvidos na produção de cana-de-açúcar, em 1990, obtiveram rendimentos inferiores a 40 t/ha, mostrando que nas regiões onde eles se localizam, a cultura precisaria de maior uso de tecnologias para melhorar o rendimento municipal, regional e, por consequência, a media estadual.

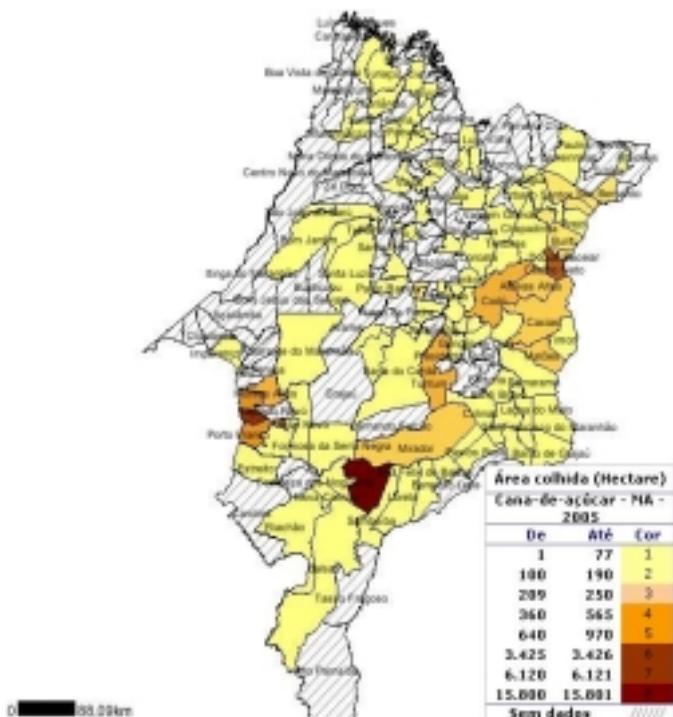
Em 1995, o município que mais se destacava na participação de área colhida com cana-de-açúcar era Coelho Neto, com 17% de toda a área estadual que naquele ano foi de 24.512 ha. Porto Franco e São Raimundo das Mangabeiras vinham em seguida, com participação de 16% cada. Tuntum com 10% e Brejo com 5%. Analisando a produção de cana-de-açúcar no ano de 1995 no

Maranhão, observou-se que o principal produtor continuou a ser o município de São Raimundo das Mangabeiras, participando com 23% do total produzido no Estado (1,3 milhões de toneladas). Porto Franco contribuiu com 20% da produção maranhense; Coelho Neto, com 17% e Tuntum com 14%. Os dados de área colhida e da produção de cana-de-açúcar dos principais municípios do Maranhão em 1995 são apresentados na Tabela 2.

Em 2000, o município de São Raimundo das Mangabeiras concentrava o maior percentual de participação com área colhida do Estado (43%). Campestre do Maranhão ficou com 28%, Coelho Neto com 11% e Montes Altos com 2% do total estadual (19.912). Analisando a produção no ano 2000, observou-se que o Estado produziu 1,1 milhões de toneladas. Dentre os municípios podemos destacar Campestre do Maranhão, que respondia por 41% da produção com cana, seguido por: São Raimundo das Mangabeiras, com 37%; Coelho Neto, com 9% e Montes Altos com 3%. Os dados de área colhida e da produção de cana-de-açúcar dos principais municípios do Maranhão em 2000 são apresentados na Tabela 3.

Em 2005, a área destinada ao cultivo da cana-de-açúcar no Estado passou a concentrar-se, principalmente, na Mesorregião do Sul Maranhense, respondeu por 71%, a do Leste Maranhense passou a deter 20% e da Oeste Maranhense respondeu por 5%, a do Centro Maranhense 3% e o Norte Maranhense respondeu por apenas 1%. As microrregiões de maior concentração de áreas cultivadas com cana-de-açúcar, em 2005, foram: Chapada das Mangabeiras com 50%, Porto Franco com 21%, Coelho Neto com 12%, Imperatriz com 5% os outros 12% distribuíram-se entre as outras 17 microrregiões maranhenses que em 2005 também estiveram envolvidas com a cultura naquele ano.

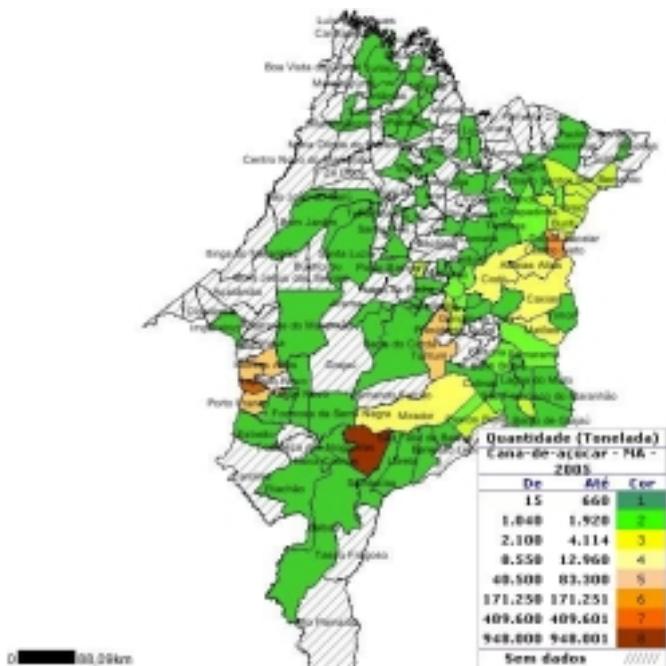
Os dados disponíveis mostram que, em 2005, novos municípios que surgiram como grandes produtores é o caso de São Raimundo das Mangabeiras, o principal concentrador de área colhida com cana-de-açúcar no estado do Maranhão (50%), seguido de Campestre do Maranhão com 19%; e Ribamar Fiquene com 3%, além do município de Coelho Neto que chegou a concentrar 11% da área estadual com a cultura naquele ano. Os restantes 17% da área colhida com a cultura no Estado distribuíram-se territorialmente entre os outros 106 municípios maranhenses que, em 2005, realizaram o plantio da cana-de-açúcar no Estado. A localização geográfica das principais concentrações de cana-de-açúcar no Estado do Maranhão é apresentada na figura 3.



Fonte: IBGE (2007)

Fig. 3 – Localização geográfica da área colhida com cana-de-açúcar nos municípios maranhenses em 2005.

Analisando-se a produção de cana-de-açúcar no ano de 2005 no estado do Maranhão, percebeu-se que o município de São Raimundo das Mangabeiras concentrava o maior percentual de participação na produção estadual (48%); Campestre do Maranhão vinha em seguida, com participação de 25%, sendo seguido por: Coelho Neto, com 9%; Ribamar Fiquene, com 4%; Porto Franco, com 3% Montes Altos e Tuntum, com 2%, cada. Os dados de área colhida e da produção de cana-de-açúcar dos principais municípios do Maranhão em 2005 são apresentados na Tabela 4. Na figura 4 são mostrados os municípios maranhenses que contribuíram na produção de cana-de-açúcar no ano de 2005.



Fonte: IBGE (2007)

Fig. 4 – Origem da produção de cana-de-açúcar no Estado do Maranhão em 2005.

A maioria das principais microrregiões e nos seus municípios componentes apresentaram aumentos no rendimento por hectare no cultivo da cana-de-açúcar a microrregião que mais aumentou o rendimento foi a de Imperatriz (318%), influenciado pelos altos rendimentos obtidos nos municípios de Ribamar Fiquene e Montes Altos que em 2005 passaram a obter 85.876 kg/ha e 80.000 kg/ha, respectivamente. Na Microrregião de Chapadas das Mangabeiras, principal produtora de cana-de-açúcar no Estado, a evolução no rendimento foi de 150% e o município que mais aumentou o rendimento da cultura foi o de São Raimundo das Mangabeiras que obteve uma evolução de 173% no rendimento. Na microrregião de Porto Franco, segunda em importância em 2005, o rendimento atingiu um pequeno crescimento, no período, de 2%, sendo que o município de Porto Franco foi o que mais elevou o rendimento (13%).

Conclusões

O Estado do Maranhão vem apresentado aumento com área colhida e produção de cana-de-açúcar nos anos analisados, além de experimentar notória realocação agrícola entre as diversos municípios.

A aptidão agrícola dos diferentes municípios maranhenses fez com que nos últimos 15 anos as concentrações dos cultivos alterassem sua localização e a origem da produção estadual que tiveram no município de São Raimundo das Mangabeiras, seu maior potencial produtivo, fazendo com que esse município ultrapassasse e substituisse outros municípios que em 1990 participavam com grandes percentuais da produção estadual.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Manuel Correia de. Espaço e tempo na agroindústria canavieira de Pernambuco. Estud. av. vol.15 no.43 São Paulo Sept./Dec. 2001 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142001000300020&script=sci_arttext Consultado em jun. 2007.

Governo do Maranhão – Fatos históricos do Estado em: < <http://www.ma.gov.br/cidadao/estado/historia/index.php>> Consultado em julho de 2007.

Historia do Brasil - Do litoral ao interior: os ciclos econômicos e a formação do Brasil em: < www.cidadeshistoricas.art.br/hac/hist_01_p.php - 51k > Consultado em maio de 2007.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil, 15. ed. São Paulo, Editora Nacional, 1977. 248 p. (Biblioteca universitária. Série 2.^a Ciências sociais, v. 23)

IBGE - PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL IBGE- Rio de Janeiro: IBGE - Sistema IBGE de recuperação automática – SIDRA. Disponível: <http://www.ibge.gov.br> – consultado no mês de janeiro de 2007.

Portal Única. Agroindústria da cana-de-açúcar: alta competitividade canavieira Disponível em http://www.unica.com.br/pages/agroindustria_alta.asp Consultado em fev 2007.

Historia do Maranhão – Disponível: http://www.cidadeshistoricas.art.br/saoluis/sl_his_p.htm Consultado em maio de 2007.

Anexos

Tabela 1 - Área colhida e quantidade produzida nos municípios maranhenses no ano de 1990.

<i>Municípios</i>	<i>1990</i>	
	<i>Área colhida (ha)</i>	<i>Produção (t)</i>
Coelho Neto	9.965	498.250
Tuntum	6.000	480.000
Aldeias Altas	5.420	271.000
Porto Franco	4.000	320.000
Caxias	2.073	93.285
Codó	1.713	102.780
Duque Bacelar	1.630	81.500
Santa Quitéria do Maranhão	700	17.500
Barra do Corda	500	25.000
Anajatuba	400	9.400
São Bernardo	380	9.500
Brejo	320	9.600
Chapadinha	250	5.000
Pastos Bons	220	5.500
Grajaú	200	8.000
Passagem Franca	200	5.000
Maranhão	37.374	2.041.956

Fonte: IBGE (2007)

Tabela 2 - Área colhida e quantidade produzida nos municípios maranhenses no ano de 1995.

<i>Municípios</i>	<i>1995</i>	
	<i>Área colhida (ha)</i>	<i>Produção (t)</i>
Coelho Neto	4.260	234.300
São Raimundo das Mangabeiras	4.000	320.000
Porto Franco	4.000	280.000
Tuntum	2.340	187.200
Brejo	1.120	28.000
Aldeias Altas	890	34.664
Santa Quitéria do Maranhão	730	18.615
Barra do Corda	500	25.000
Caxias	466	18.873
Anajatuba	400	19.000
São Bernardo	400	10.400
Itapecuru Mirim	389	18.672
Codó	370	14.700
Duque Bacelar	323	17.765
Buriti	250	6.500
Chapadinha	250	5.250
São João dos Patos	230	6.900
Matões	222	13.320
Grajaú	200	8.000
Pastos Bons	190	5.700
Rosário	179	3.902
Passagem Franca	165	4.950
Lago do Junco	132	3.960
Mirinzal	130	4.160
Maranhão	24.512	1.366.429

Fonte: IBGE (2007)

Tabela 3 - Área colhida e quantidade produzida nos municípios maranhenses no ano de 2000.

<i>Municípios</i>	<i>2000</i>	
	<i>Área colhida (ha)</i>	<i>Produção (t)</i>
São Raimundo das Mangabeiras	8.500	408.000
Campestre do Maranhão	5.500	451.000
Coelho Neto	2.106	94.770
Montes Altos	400	32.800
Matões	294	15.420
Tuntum	245	6.645
Mirador	240	12.000
Caxias	220	11.000
Duque Bacelar	162	7.290
Lago do Junco	146	4.088
Milagres do Maranhão	135	4.271
Santa Quitéria do Maranhão	120	2.880
Lago dos Rodrigues	110	2.750
São Bernardo	109	2.657
Buriti	100	3.787
Maranhão	19.912	1.109.805

Fonte: IBGE (2007)

Tabela 4 - Área colhida e quantidade produzida nos municípios maranhenses no ano de 2005.

<i>Municípios</i>	<i>2005</i>	
	<i>Área colhida (ha)</i>	<i>Produção (t)</i>
São Raimundo das Mangabeiras	15.800	948.000
Campestre do Maranhão	6.120	489.600
Coelho Neto	3.425	171.250
Ribamar Fiquene	970	83.300
Porto Franco	640	57.600
Montes Altos	565	45.200
Tuntum	450	40.500
Codó	360	12.960
Aldeias Altas	250	11.000
Matões	240	12.960
Mirador	240	11.520
Caxias	209	10.450
Duque Bacelar	190	8.550
Maranhão	31.728	1.968.414

Fonte: IBGE (2007)



Tabuleiros Costeiros

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

